



Os destaques do Leffest

A 13ª edição do Lisbon & Sintra Film Festival volta a fazer um apanhado, em jeito de *best of*, deste ano cinematográfico, acertando agulhas com o cinema europeu recente

TEXTO FRANCISCO FERREIRA

O

novo Leffest, que decorre até dia 24 no eixo Lisboa-Sintra, em que se fixou após quase uma década passada no Estoril, traz uma vez mais o alemão Wim Wenders a Portugal e, desta vez, por um motivo especial: festejar os 25 anos de “Lisbon Story – Viagem a Lisboa”, que será mostrado em cópia restaurada. Wenders jamais esqueceu a sua ‘costela portuguesa’ e a relação de trabalho de longa data que mantém com o diretor do festival; aliás, tudo começou muito antes, naquele início dos anos 80 em que Paulo Branco dava os primeiros passos, quando o alemão rodou “O Estado das Coisas” (ainda um dos seus melhores filmes), com Allen Garfield, Isabelle Weingarten e Samuel Fuller *himself*, entre uma praia sintense e o Cais do Sodré. Wenders, à imagem dos seus filmes, é um homem melancólico e terá certamente muito a contar das duas aventuras: por exemplo, daquele *cameo* de Manoel de Oliveira no filme que se estreou entre nós há um quarto de século. O festival anunciou também um encontro entre o cineasta e Teresa Salgueiro, a ex-vocalista dos Madredeus, que colaboraram com o filme. Mas há

mais convidados repetentes: Laurie Anderson, que ainda há meses nos deu uma ótima entrevista sobre a sua atividade na área da realidade virtual, conhece o festival desde o tempo em que o visitou com o marido, Lou Reed. Willem Dafoe é uma estrela de Hollywood que passou por cá quando a Medeia Filmes estreou “Pasolini”, de Abel Ferrara – e também este é esperado para apresentar o seu novo filme, o drama “Tommaso”, com papéis de Dafoe e do próprio Ferrara (coisa não inédita, mas rara). Wagner Moura vem apresentar em estreia portuguesa “Marighella”, *biopic* sobre Carlos Marighella, resistente político à ditadura brasileira. O filme é interpretado por Seu Jorge e não esconde que está pronto a lutar pela causa da liberdade num momento de grande efervescência no panorama político do país. Muita gente

gritou “Lula livre” quando o filme se estreou, em fevereiro, no Festival de Berlim, fora de concurso, e o assunto, como se sabe, continua na ordem do dia. De resto, o Leffest continua a dar cartas nesta matéria e programou Resistências, uma série de conferências (um “simpósio internacional”), acompanhadas de filmes, com curadoria de Juan Branco. Participam quase 20 convidados, entre eles Yanis Varoufakis, economista, matemático, professor e antigo ministro das Finanças da Grécia (a sua presença está ainda por confirmar no *site* do festival), o francês Maxime Nicolle, representante do movimento Coletes Amarelos, a já citada Laurie Anderson, o ator e filósofo franco-tunisino Mehdi Belhaj Kacem, o ativista palestino Omar Barghouti e o presidente da câmara de Nápoles, Luigi di Magistris. As intervenções



“Zombi Child”, do francês Bertrand Bonello, estará em exibição no festival



de todos eles serão acompanhadas pelas estreias de “Passámos por cá”, de Ken Loach (é um inquérito ao novo proletariado gerado pelas plataformas das novas tecnologias), “Comportem-se como Adultos”, novo trabalho de Costa-Gavras que incide, precisamente, nas memórias de Varoufakis dos seus anos de governo (estreiam-se ambos muito em breve nas salas), o já referido “Marighella” e também “Joker”, de Todd Phillips, e “Fome”, a longa de estreia do britânico Steve McQueen. Quem sabe se a palavra “resistência” – que tem um significado já um bocado estafado nos dias que correm – não encontra uma reverberação nova com tantos comensais ilustres. Outro dos convidados, também ele autor de uma obra política e muito *sui generis*, é um histórico do cinema europeu que o Leffest segue de perto e cuja obra o diretor do festival há muito acompanha: o georgiano Otar Iosseliani, de quem não temos notícias



Agathe Bonitzer em "Les enfants d'Isadora", novo filme de Damien Manivel, que integra um tributo ao jovem cineasta francês

desde "Winter Song", de 2015. E tal como era esperado, também Fanny Ardant, atriz e realizadora que já faz parte da mobília do festival, vai apanhar um avião para o Aeroporto Humberto Delgado, desta vez para o espetáculo "Hiroshima Mon Amour", "no qual interpreta Elle, a atriz que Marguerite Duras criou para o filme de Alain Resnais", lê-se na apresentação do dito. Perante este painel, e uma vez que o Leffest sempre se orgulhou do seu *name dropping* e dos seus jurados inesperados e oriundos das mais variadas áreas, acrescenta-se, já agora, que também a pianista Maria João Pires faz parte este ano daqueles que decidirão os prémios da competição, há muito patrocinada por uma generosa marca suíça de relógios.

PREDOMINÂNCIA DO CINEMA EUROPEU

Um festival de cinema é feito de tudo isto mas, acima de tudo, é

feito de filmes, e no que ao cinema diz respeito há muito de bom para ver nos próximos dias no Leffest. O festival sofreu um golpe duro com o fecho irreparável das quatro salas lisboetas do Monumental, e concentra-se agora no Espaço Nimas, mas 'reinventou' também para o cinema a sala do Tivoli, na Avenida da Liberdade, que, recorde-se, foi um espaço muito importante de divulgação há 25 anos, pela mão da Cinemateca, aquando da Lisboa 1994 – Capital Europeia da Cultura. Já em Sintra, continua ativo o Centro Olga Cadaval. O festival programou meia dúzia de focos importantes, em jeito de retrospectiva das obras do alemão Christian Petzold (outro cineasta há muito exibido pela Medeia Filmes), da italiana Alice Rohrwacher, do romeno Corneliu Porumboiu (que tem um novo filme notável estreado em Cannes, "The Whistlers"), do francês Damien Manivel (o seu último trabalho, premiado em

Locarno, "Les Enfants d'Isadora", é um dos mais bonitos filmes que poderão ser vistos este ano) e também dos portugueses Rita Azevedo Gomes, a autora de "A Vingança de Uma Mulher", e José Miguel Ribeiro, um dos maiores valores do cinema de animação nacional. Todos eles cineastas europeus com obras cimentadas. Fora de concurso, destacamos as novas obras de Elia Suleiman, "It Must Be Heaven", de Mati Diop, "Atlantique", de Ladj Ly, "Os Miseráveis", de Terrence Malick, "Uma Vida Secreta", todos eles da competição de Cannes. De Berlim chega "Graças a Deus", de François Ozon. E de Veneza vem "Martin Eden", de Pietro Marcello, também premiado no Lido. Isto é: o Leffest cumpre a tarefa de apresentar um *best of* do ano, antecipando na sua grelha todos estes títulos em antestreia. Resta-nos esperar que, mais tarde, todos eles possam chegar ao circuito de exibição em sala. Mas a competição

do Leffest não fica a destoar e, salvo algumas exceções, é também formada por cinema europeu que vale muito a pena ver: aqui estão o sublime "Zombi Child", do francês Bertrand Bonello, acompanhado por "O Que Arde", do galego Oliver Laxe, "Little Joe", de Jessica Hausner, "Beanpole", do russo Kantemir Balagov, também "O Lago dos Gansos Selvagens", de Diaoyi Yan – todos eles da colheita da Croisette. Já "Patrick", de Gonçalo Waddington, estreado em setembro no Festival de San Sebastián, representa Portugal no concurso. ●

13º LEFFEST

Espaço Nimas, Teatro Tivoli, Universidade Lusófona, Lisboa, Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra, até dia 24
www.leffest.com